

José Fernandes de Oliveira
Pe. Zezinho, scj

EU NUNCA VI UM ANJO

CURAS, MILAGRES, TEMPLOS E HOSPITAIS

Reflexões entre
o púlpito e o bisturi



PREFÁCIO

EU NUNCA VI UM ANJO

Meu trajeto de Great Barrington, Massachusetts, até Milwaukee, Wisconsin, foi de avião. Eu fora ordenado padre em setembro de 1966 e em pouco menos de três meses sofrera um acidente, enquanto transportávamos areia para cobrir o lago enregelado da nossa propriedade. Naqueles dias tínhamos um seminário na cidade. Uma grande pedra pontiaguda desprendeuse da colina e não consegui fugir do impacto.

Pensei no Padre Dehon, fundador da congregação de sacerdotes a qual pertenço, que também não se sabia se sobreviveria. O caso dele foi hemoptise e tuberculose, e o meu, um esmagamento que me fez sangrar por dentro. Eu teria, anos mais tarde, outro sangramento também quase fatal. O Padre Dehon viveu 82 anos e eu estou escrevendo este livro aos 73 anos, enquanto controlo outras disfunções que nunca me tiraram do meu ministério cheio de viagens. Os papas Bento XVI e João Paulo II também carregaram limites. Desde a juventude o Papa Francisco só tem um pulmão.

O meu leitor eventual deve estar curioso a respeito do título deste livro. Afinal, sendo padre católico, soa estranho que eu diga nunca ter visto um anjo. Mas, que eu me lembre, nunca vi. Já fui cuidado por anjos de carne e osso. Esses e essas eu vi, mas anjos do céu nunca me apareceram nem jamais falaram comigo. Isso não quer dizer que não creio neles. Eu só afirmo que nunca vi um anjo nem em figura feminina nem masculina. Aprendi muito cedo

na catequese católica a não brincar de fingir ver o que não vi e de ouvir o que não ouvi.

Eu tinha cerca de treze anos quando uma menina no meu bairro, na minha rua, dizia estar vendo aparições de Nossa Senhora de Fátima, a qual mexia com uma roseira na Avenida Brasil. De repente, dezenas de senhoras, meninas e até alguns idosos garantiram que viam. Fiquei firme. Eu não vira. Cresci no seminário sabendo que as pessoas podem ter a melhor das intenções, mas podem estar enganadas. Muitas vezes os olhos e os ouvidos não viram nem ouviram, mas assim mesmo insistem que o céu se manifestou a eles.

Minha formação de seminarista e padre ensinou-me a diferença entre *querer, imaginar e constatar, investigar e refletir*. Tenho grandes amigos, aos quais admiro por sua sinceridade e piedade, que afirmam ter tido visões ou revelações. Como nunca tive estas experiências antes, durante ou depois de orar, não posso desautorizá-los. Eu só posso dizer que nunca vi. Mas acrescento que creio que há fenômenos que escapam a nossa percepção.

Mas voltemos ao avião e ao hospital em Milwaukee. Anjos de carne e osso me transportaram com o maior cuidado e fui recebido no grande hospital mais como um rei do que como paciente. Eu era apenas um padre católico recém-ordenado e os que cuidaram de mim foram médicos e enfermeiros judeus, católicos e evangélicos: todos angélicos. Depois de quase um mês no hospital, devolveram-me à casa novamente pronto para cumprir minha missão, com os devidos cuidados de quem teve toda a barriga costurada.

Semelhante situação ocorreu em 1977, quando o mesmo lugar do corpo precisou de novo reparo e o sangramento foi grave. Passei outros sete meses no hospital. E em 2012 novamente precisei de anjos de carne e osso representados pelas Irmãs da Congregação das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada – PMMI, e por

médicos, atendentes, enfermeiros e enfermeiras. Eu sofrera um AVC. Mais seis meses para reaprender a falar. Recentemente me tratei de um câncer sob os cuidados desses “anjos” e da sempre solícita orientação de meu quase irmão Doutor Paulo, de quem muitas vezes falarei aqui.

É desses anjos que me ocupo neste livro. A maioria dos que me serviram de anjos nunca mais vi. Outros, vejo com frequência, até porque, para eles e elas, também tenho tentado ser anjo.

Quanto aos anjos invisíveis, eu firmemente creio que eles existem. Eu só não arrisco dizer que os vi ou ouvi, quando não posso provar que se manifestaram a mim. Mas muitas coisas que vivi e vivo me apontam para os cuidadores do céu e para os cuidadores da terra. Este livro será sobre os cuidadores da terra.

REFLEXÕES À PORTA DE UM HOSPITAL

*"Senhor, quando te vimos com fome,
ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo,
ou na prisão, e não te servimos?"*

(Mateus 25,44).

Sentei-me por quinze minutos à espera do meu quase irmão, Doutor Paulo Mauricio. Ele, que cuida de mim há quarenta anos, concluía um procedimento na UTI. Esperei tranquilamente, enquanto corrigia meu livro *Ser um entre bilhões*, que depois, em 2012, seria publicado por Paulinas Editora.

Foi naquela tarde que me veio à mente a ideia de escrever o livro que hoje você tem em mãos. No curto espaço entre quinze a trinta minutos, vi mais de oitenta pessoas entrarem ou saírem preocupadas ou despreocupadas do Hospital Vivalle. Tudo era sereno, desde o atendimento até as explicações dadas com gentileza feminina pelas quatro atendentes. Fui um dos que abençoaram aquele empreendimento, quando da sua inauguração. Era o sonho do Doutor Paulo, da sua esposa Maria José e, com o tempo, dos filhos deles.

Já comentei no começo do livro que, desde estudante nos Estados Unidos, em Milwaukee, Wisconsin, três meses depois de minha ordenação sacerdotal, fui levado a refletir sobre meu futuro. Talvez eu não sobrevivesse. O acidente fora grave. Sobrevivi por

graça de Deus. O enorme esforço de evitar uma pedra que rolava na minha direção, enquanto preparávamos uma praia artificial em Great Barrington, Massachusetts, onde os dehonianos tinham uma casa, trouxe danos que me deixaram sequelas. Por conta disso, três vezes fui operado e, na segunda intervenção, salvou-me a Irmã Agnus Dei, que percebeu que um vaso se rompera.

Aí entraram o Doutor Paulo e os outros médicos. Não fosse a perícia deles, eu não estaria escrevendo este livro. Meu livro não falará de mim. Mas os prefácios apontam para o que realmente quero dizer página por página. Há uma pseudomedicina ocupando o lugar da ciência chamada medicina. São curas paralelas que podem ter vindo do céu, mas também muitas vezes são curas induzidas, que de céu nada têm. Também os milagreiros do Faraó fizeram prodígios do mesmo quilate do profeta Moisés. E mais tarde Jesus lembraria que muitos fariam prodígios capazes de enganar até os eleitos. Entre o milagre e o truque nem tudo é claro. Aliás, é com isso que os charlatões trabalham.

Portas e saguões de hospital, vitrines de unidades de tratamento intensivo, capelas de hospitais, leitos e corredores, salas de espera podem ser lugares de pranto desesperado ou de serena esperança. E isso não depende do hospital. Existe um antes, um durante e um depois da enfermidade. Aí depende de como encaramos a vida. Médicos, padres, pastores, cientistas não têm todas as respostas. Crer ou duvidar, mas mesmo assim querer entender o mistério da vida, pode fazer a diferença.

É dessa diferença que agora me ocupo. Venham comigo!

ACEITA MINHA VIDA

*Sei viver na miséria e na abundância,
aprendi muito bem a estar satisfeito em qualquer situação.*

(Filipenses 4,11-12)

Prece de um coração penitente

Eu talvez não saiba o que estou pedindo nem o que estou oferecendo, Senhor, mas, diante dos meus pecados e querendo reparar meus erros, não sabendo mais o que fazer e não tendo mais o que oferecer em reparação, ofereço minha vida.

Ela já não é minha, mas se servir como sinal de que desejo realmente me arrepender e mudar de vida, devolvo ao Senhor o bem mais precioso que tenho de empréstimo.

Deixada só a mim a tarefa de me arrepender, eu nunca vou conseguir. Preciso da tua compaixão e da tua misericórdia para querer me arrepender, porque até o querer arrepender-se já é uma graça tua.

Não sou como Pelágio, que achava que o homem tem dentro de si suficiente bondade para conseguir todas as graças de que necessita. Eu não tenho conseguido a graça da conversão plena. Também não sou como os que acham que nada que o homem faz adianta e que ele está à mercê do bem e do mal, como um brinquedo das ondas.

Eu sei que posso com a tua graça. Eu sei que sem ela não posso. Sei que a correnteza é forte e me arrastará, se eu depender apenas

das minhas forças. Sei que com as minhas fracas forças e a tua mão poderosa e paterna eu chegarei.

Por isso, eu talvez não saiba o que peço, mas se, para reparar meus pecados, for preciso minha vida, toma-a, Senhor. Se me queres dar mais anos de conversão para que eu chegue a ti mais puro e realmente convertido, sê bendito por esta graça que sei que não tenho feito por merecer.

Aceita-me, Senhor, do teu jeito, porque do meu não tem dado certo!